

PREFÁCIO

SILVIA FIGUEIREDO BRANDÃO

Para a edição deste livro em homenagem a Silvia, chega-me o surpreendente convite (nossa amizade tem tanto silêncio público!): estar aqui; juntar-me a um comitê visível, claro e de amor à homenageada: isto é, colocar-me em uma obra que se pauta no respeito, no encanto, no agradecer, no grande admirar, um admirar que mais justo, juro, não conheço outro.

*

Éramos eu e Silvia dois jovens menina e menino, que, com muita e muita pose de mais velhos (já que estimávamos a dignidade máxima no existir, seja no existir com os outros, seja no existir solitariamente), começamos a lecionar literaturas em uma mesma universidade particular. Ali nos vimos: e ponto; vimo-nos, e ponto: um reconheceu no outro o que havia de muito íntimo de si e o que havia de muito íntimo do outro: éramos secretos! E isso sabíamos ser amor em senso ampliado de menina e menino: amor aos atos, amor à letra, amor aos saberes. Para os dois, um quase culto de largo amor ao cuidar e de largo amor ao silêncio.

*

Esses dois jovens queriam o conhecimento, o transmitir e o fazer a vida de algum modo uma obra de serena arte.

*

Silvia, muito mais ela do que eu, foi-se polindo, embora já hiperpolida desde antes do “nós nos vimos”: e continua, cada vez mais e mais, a polir-se, ou seja, a fazer vibrar toda sua existência (tão naturalmente!) e com sublime inteligência e com uma paz de luz suave e intensa; dessa sua reconhecida magnitude de sábia obra humana a dedicar-se a produzir sábias obras (coisas e gentes) humanas, nasce este livro!

*

[Pequena confissão: embora com a mesma meta, fui brutalizando a pedra que me constituiu; tornei-me o já não-moço, aquele que, ao invés de polir-se, raspa-se: e para tanto, para bem raspar-se, curiosamente carece em demasia de seguir e de contemplar a preciosidade-obra-Silvia, acompanhando seus instrumentos

sensíveis de leitura do mundo e sua artesanania ético-vivencial; devo ainda lembrar que, além de sempre próximos em tempos e locais vários, estivemos também juntíssimos durante os anos em que trabalhei no âmbito da Teoria da Literatura, nessa mesma nossa inesquecível Faculdade de Letras, da UFRJ].

*

Com Silvia venho há décadas seguindo a aprendizagem sem fim acerca do que pode um *ser*, quando *ser*, e o que pode um *ser* que se vai formando no aclarar-se para outros seres, e o que significa de ganho e ouro quando um *ser* consegue atingir seu mais nobre e comum âmago: *ser*, apenas: *ser*: sem pressa, sem dramas burgueses banais: sem dor desnecessária.

*

Os textos que compõem esta homenagem-livro dispensam-me de tratar da completa erudição de Silvia, em sua contínua e maravilhosa força de pesquisa; dispensam-me de falar acerca de seu dom (seu ativo doar) somado a seu talento (seus tantos recursos intelectuais e afetivos) e à sua vocação (uma vocação atendida por meio de enormes gestos de bem sentir, bem ouvir e bem atender os chamados: seus e nossos); dispensam-me de cuidar de sua força alta fartamente exposta na docência, em seu exercer essa máxima arte, da qual, declaro, sou um de seus discentes mais pidões; dispensam-me de exaltar seu saber plural, um saber que abrange filosóficas reflexões sobre obras artísticas e literárias que a humanidade cria hoje e há tempos; dispensam-me de sublinhar seu elevado lugar no amplo terreno da Linguística atual, bem como me dispensam de ter de detalhar seus originais exames, publicados com voz e letra, relativos à nossa língua, falada aqui e fora do Brasil.

*

Digo, por fim, que Silvia, com toda aquela sua luz e alteza, sabe ainda, com os mesmos constitutivos charme e elegância, construir o melhor bolo caseiro que jamais em minha vida seleta e mundana encontrei outro sequer semelhante.

*

Silvia, estamos todos – neste livro-seu – abraçando-a: emocionados, felizes.

ROBERTO CORRÊA DOS SANTOS